
Educomunicação socioambiental na prática: Valorização da castanha-da-amazônia por alunos de Escola Família Agrícola (EFA), em Rondônia.¹

Vânia Beatriz Vasconcelos de Oliveira²

Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Embrapa Rondônia

RESUMO

A valorização da castanha-da-amazônia foi o tema gerador adotado pela Embrapa Rondônia, em processo educativo socioambiental com alunos de uma Escola Família Agrícola (EFA), com o objetivo de conhecer a percepção deste segmento da sociedade, quanto ao valor simbólico dos produtos da sociobiodiversidade amazônica. Tendo como referencial os princípios da educomunicação socioambiental, o objetivo deste trabalho é apresentar as técnicas empregadas que caracterizam a prática educacional, analisar e discutir as interações ocorridas entre os atores sociais (alunos, professores e pesquisadores), intermediados por um processo de comunicação dialógica que produz subsídios para a elaboração de videoaulas e produtos de comunicação que expressem argumentos de valorização e de estímulo a ação-cidadã da juventude rural.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia; Educomunicação; Extrativistas; Juventude; Cidadania.

INTRODUÇÃO

O estudo de percepção ambiental em comunidades extrativistas no Estado de Rondônia é uma das ações do projeto “Cadeias de Valor da Sociobiodiversidade e Transferência de Tecnologias”, que faz parte das ações de pesquisa da Rede Kamukaia, coordenada pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) e que desenvolve estudos sobre o manejo de Produtos Florestais Não-Madeireiros (PFNM), na Amazônia. Dentre as ações propostas pelo projeto está a capacitação de professores e estudantes de escolas rurais de Rondônia em Práticas Educativas Socioambientais para a valorização de produtos da sociobiodiversidade amazônica, executado pelo Centro de Pesquisa Agroflorestal de Rondônia (Embrapa Rondônia).

O extrativismo da castanha-da-amazônia (*bertholletia excelsa*), também conhecida como castanha-do-brasil e castanha-do-pará, é uma importante fonte de renda

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Comunicóloga. Mestre em Extensão Rural. Pesquisadora da Embrapa Rondônia, vania.beatriz@embrapa.br

para milhares de famílias extrativistas da região. Valorização é palavra-chave nas diretrizes do Plano Nacional para a Promoção das Cadeias de Produtos da Sociobiodiversidade – PNPSB (Portaria Interministerial MDA/MDS/MMA nº 239, de 21/07/09) que define a Cadeia Produtiva da Sociobiodiversidade como um sistema integrado, constituído por atores interdependentes e por uma sucessão de processos de educação, pesquisa, manejo, produção, beneficiamento, comercialização e consumo de produtos e serviços da sociobiodiversidade, com identidade cultural e incorporação de valores e saberes locais, que asseguram a distribuição justa e equitativa dos seus benefícios (BRASIL, 2009: p.09).

Portanto, é no processo de educação que se situa a atividade de capacitação de professores e alunos do ensino Médio Técnico de escolas de Rondônia, com o objetivo de desenvolver práticas educomunicativas que resultem em produtos de comunicação sobre o manejo sustentável, uso e valorização pela sociedade, de PFNM na Amazônia; proporcionar o acesso a informações sobre soluções tecnológicas e conhecer a percepção da sociedade quanto ao valor simbólico dos produtos da sociobiodiversidade local.

No portfólio de pesquisas da Embrapa, capacitação, divulgação e adoção de tecnologias, são elementos centrais no processo de fortalecimento da cadeia de valor da castanha-do-brasil produto prioritário, para o bioma amazônico. (Figura1)

Figura 1- Capacitação, elemento chave para o Fortalecimento da Cadeia de Valor



Fonte: Wadt e Silva, 2014.

A educomunicação como paradigma orientador de práticas educacionais

O conceito de Educomunicação sistematizado (em 1999) pelo Núcleo de Pesquisa em Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE/USP) é entendido como

... um paradigma orientador de práticas sócio-educativo-comunicacionais que têm como meta a criação e fortalecimento de ecossistemas comunicativos abertos e democráticos nos espaços educativos, mediante a gestão compartilhada e solidária dos recursos da comunicação, suas linguagens e tecnologias, levando ao fortalecimento do protagonismo dos sujeitos sociais e ao consequente exercício prático do direito universal à expressão. (SOARES, 2020, s.p.).

O lócus da prática educacional é a interface Comunicação/Educação, constituindo-se como um campo transdisciplinar de diálogo, garantidor de oportunidades para reflexões e ações. Portanto, consideramos pertinente adotar o conceito de “ecossistemas comunicativos” em capacitação em educação ambiental e comunicação para a difusão e transferência de tecnologias, uma vez que para além das ações de extensão rural, que ocorrem em espaços não formais de educação, a interação com alunos e professores têm propósitos educacionais e se processam em espaços formais de educação.

Dentre as metas desse campo transdisciplinar, elencadas por (SOARES, Op. cit.), a “ampliação da capacidade de expressão de todas as pessoas em um dado contexto educativo, presencial ou virtual (tanto em práticas de ensino formal, quanto em experiências de educação não formal ou mesmo informal)” é a meta que tem mais nexos com a proposta deste trabalho.

A educomunicação socioambiental

A educomunicação socioambiental é uma linha de ação do Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA), que cuida da articulação de ações de comunicação para a Educação Ambiental. Em 2005, o Ministério do Meio Ambiente, lançou em consulta pública a proposta do Programa de Educomunicação Socioambiental, correspondendo à dimensão pedagógica dos processos comunicativos associados à questão ambiental.

Desta forma, está relacionada a ideia de instrumentalização educativa, isso

envolve, dentre outras coisas, “... metodologias para a produção interativa e veiculação de conteúdos de educação ambiental pelos meios, além do fortalecimento dos processos informais, não midiáticos de comunicação ambiental educativa” (BRASIL, 2005: p.7).

O Ministério do Meio Ambiente (MMA) inseriu o termo educomunicação socioambiental nas Diretrizes para a Estratégia Nacional de Comunicação e Educação Ambiental em Unidades de Conservação – ENCEA, cujas ações são dirigidas especialmente à juventude (BRASIL, 2007: p.8).

Assim constituído, o conceito de educomunicação socioambiental expressa a possibilidade de ocupação de espaços comunicativos com vista a potencializar a voz de atores sociais envolvidos em processos educativos por intermédio do uso de diferentes tipos de mídia. Em estudo sobre a educomunicação socioambiental no contexto das políticas públicas, Martins (2015: p.50) atribui à consolidação e popularização do conceito de educomunicação e das perspectivas de empoderamento e autonomia que a sua aplicabilidade gera, como fatores que influenciaram na transição da comunicação ambiental para a educomunicação socioambiental.

Neste contexto, em Rondônia, a partir de 2008, Oliveira (2010) passou a aplicar os conceitos e princípios da educomunicação socioambiental na educação de jovens, em debates promovidos nas Conferências Estaduais Infantojuvenil pelo Meio Ambiente (Ceijma) nas quais foram realizadas oficinas educacionais para produção de vídeos com o uso de música amazônica. Os vídeos produzidos, quando abordam os produtos da sociobiodiversidade, vem sendo usados como recurso didático pedagógico, em eventos educacionais, como é o caso das oficinas com temática da valorização da castanha-da-amazônia.

Nesta prática educacional, busca-se exercitar vivamente o diálogo e a interatividade, princípios norteadores do Programa de Educomunicação Socioambiental. Ao se promover o diálogo e leitura crítica dos meios de comunicação, o processo interativo nas oficinas permite criar a conscientização e estimular a reflexão sobre o papel dos jovens como cidadãos e ajuda a viabilizar a construção da cidadania ambiental. Neste sentido, a educomunicação socioambiental é associada à possibilidade de protagonizar o espaço de fala, envolvendo, neste caso, Ciência e Sociedade, a partir da proposição de fazer desse espaço de discussão que é a oficina, uma interação, que se propõe não “dar voz”, mas “dar ouvidos”, exercitar a escuta sensível e amplificar as vozes das comunidades.

METODOLOGIA

O percurso metodológico empreendido pela autora no desenvolvimento de práticas educacionais socioambientais, vem sendo norteado pela questão: O que faz a Ciência e o que a Sociedade pode fazer?

Os procedimentos metodológicos dos estudos de percepção ambiental são orientados pelo estabelecimento de um processo de comunicação dialógica com representantes das comunidades escolares, em Rodas de Conversas realizadas em Oficinas, nas quais os participantes colocam em comum suas informações e percepções ambientais sobre a cadeia de valor do produto em estudo, neste caso, a da castanha-da-amazônia (ou castanha-do-brasil).

O lócus da prática educacional foi uma “Oficina de Sensibilização para a Valorização dos Produtos Florestais Não Madeireiros (PFNM) e Introdução às Práticas Educacionais Socioambientais”, que faz parte das atividades da Rede Kamukaia.

O evento foi realizado no dia 18 de outubro de 2018, com a participação de 51 alunos, divididos em duas turmas (uma em cada turno) do ensino Médio, da Escola Família Agrícola Itapirema, no município de Ji-Paraná, região central do estado de Rondônia. O objetivo foi discutir o manejo e valorização dos recursos florestais e a ação-cidadã, a partir do conhecimento sobre produção e consumo da castanha-do-brasil e as ações de pesquisa da Embrapa/Rede Kamukaia.

Um dos componentes das técnicas empregadas é a análise dos enunciados do discurso presentes na música “Canto dos Castanhais (MILHOMEM; GOMES, 2007), que foi apresentada aos alunos em um videoclipe produzido em uma oficina com a participação de jovens extrativistas.

A produção de vídeos ambientais é uma prática que Oliveira (2013) vem empregando em processos educativos ambientais, por meio da interação dos participantes com o discurso ambiental da referida canção, visando promover a sensibilização e reflexões em busca de respostas aos questionamentos e estímulo à ação-cidadã, por meio de proposição de mudanças nas práticas sociais relacionadas ao meio ambiente.

Em análise da prática, realizada por Oliveira (2015: p.1603) considera que a iniciativa de introdução da música amazônica no processo educacional “...problematiza a possibilidade de sensibilizar jovens estudantes de escola pública

urbana, para a construção de um segundo discurso, sendo este destinado à educação científica e ambiental”.

Outros recursos utilizados, para observação e interação dos participantes, foram: miniatura em madeira que reproduz a casa do produtor extrativista, um jamaxi (cesto em palha usado originalmente por populações tradicionais), ouriços de castanha em tamanhos diversos, abertos e fechados; e uma escultura em madeira que apresenta aspectos da identidade de um castanheiro, vestuário e apetrechos utilizados na coleta da castanha, como o cesto que carrega nas costas e a peça em madeira com a qual coleta o ouriço, que por seu formato trifurcado, se assemelha a uma pegada de onça, e por isso chamado de “pata de onça” (Figura 2).

Figura 1- Materiais: 1- ouriço aberto, 2-escultura, 3-Jamaxi, 4-Miniatura de casa de família castanheira.



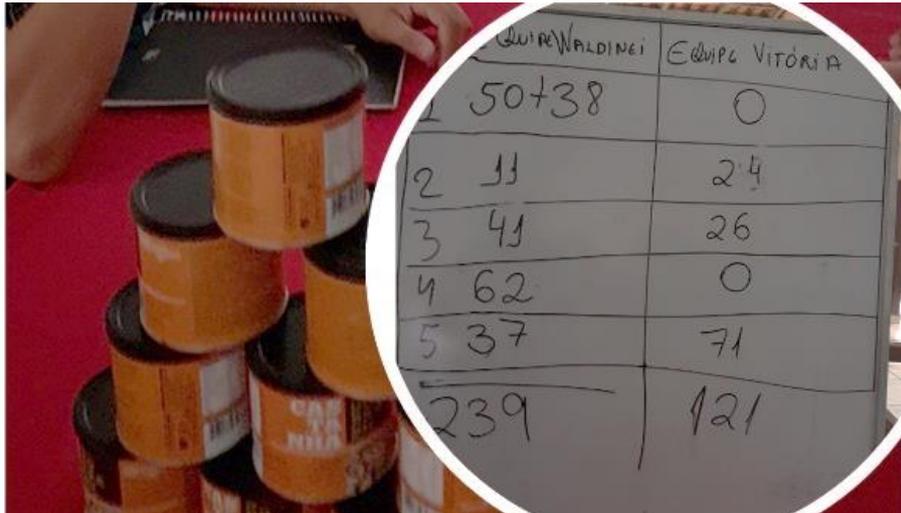
Imagem: Vânia Beatriz, 2018

As percepções dos participantes das Oficinas foram registradas em áudio e vídeo, com o uso da câmera de um telefone celular. Bem como, foram utilizadas tarjetas em papel sulfite, nas quais os estudantes responderam à questão: “O que podemos fazer para colaborar com a valorização do produtor e o produto castanha-da-amazônia?”.

Ao final, a título de avaliação do aprendizado, desenvolve-se uma atividade lúdica, o “Jogo de Boliche”, que consiste em um conjunto de pequenas latas, originalmente embalagem de castanhas cortadas em lascas e salgadas, que são industrializadas no estado do Acre. Divide-se os alunos em duas equipes, que respondem

a cinco rodadas de perguntas sobre conhecimentos repassados na oficina. Ao seu turno os representantes das equipes derrubam a pilha de latas, usando um ouriço da castanha como bola. As latas são enumeradas no fundo, a soma da numeração das latas derrubadas, constituem a pontuação final da equipe. (Figura 3). Biscoitos e castanhas *in-natura* ou beneficiadas, fazem parte da degustação, atividade final do evento.

Figura 2-latas do jogo do Boliche e Pontuação de equipes



	Equipe WALDINEI	Equipe VITÓRIA
1	50+38	0
2	33	24
3	41	26
4	62	0
5	37	71
	<hr/> 239	<hr/> 121

Imagem: Vânia Beatriz, 2018

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Atores sociais e o espaço de interação

Não obstante terem sido realizadas atividades com duas turmas, os resultados serão tratados como um só conjunto de informações, sem distinguir resultados por turmas. A primeira com 18 alunos e a segunda com 33. Portanto, são considerados atores sociais em interação 51 alunos, dois professores, a autora como facilitadora da oficina e, indiretamente, os músicos autores da canção que deu origem a algumas das questões da roda de conversa.

O roteiro da Oficina inicia com uma apresentação, na qual cada participante diz seu nome e algo que goste de fazer. O objetivo para além da simples apresentação pelo nome é verificar se espontaneamente “cantar” ou “ouvir música” seriam mencionadas como ações que gostam de fazer. As respostas mais frequentes foram “estudar” e “dormir”. Aos que disseram gostar de música, foi solicitado que mencionassem o tipo de música

que gostavam, foram citados diversos ritmos, mas não houve nenhuma menção à música ou artistas locais.

Ao apresentar os objetivos da oficina, fez-se uso de um quadro branco onde foram escritas as palavras-chaves da discussão: “Valorização” e “Cadeia Produtiva da Castanha” e feito o esboço da cadeia produtiva, representada por uma linha reta, iniciando com o Produtor extrativista e terminando no Consumidor. A medida em que as discussões vão se processando, o quadro é preenchido com as informações resultantes das trocas de informações, algumas delas escritas pelos próprios alunos, identificando os demais atores sociais da cadeia produtiva: o intermediário, a indústria beneficiadora, os pesquisadores, os distribuidores, aos mercados de alimentos (feiras, supermercados), até chegar ao consumidor diretamente ou por intermédio das indústria de processamento para produtos cosméticos, ou através de alimentos tais como bolos, biscoitos, balas etc. (Figura 4)

Figura 3 - Quadro usado para registro visual da cadeia produtiva.



Imagem: Vânia Beatriz, 2018

Sobre o conhecimento da cadeia produtiva, embora sejam moradores de comunidades rurais, muitos tinham pouco conhecimento sobre quais os componentes da cadeia produtiva da castanha, desde não saber dizer o nome do fruto (o ouriço), bem como revelaram desconhecer a realidade no entorno da escola em relação a existência de uma

agroindústria processadora de castanha, sobre a qual nenhum dos alunos conhecia, nem mesmo de “ouvir falar”.

Interação como o discurso da letra da música

Na discussão dos atores da cadeia, antes da exibição do vídeo, foi feita uma pergunta sobre qual a imagem que tinham de um castanheiro. Esta pergunta foi antecedida com perguntas sobre a imagem de um bombeiro, de um carteiro, de um coletor de lixo, perguntas que foram respondidas rapidamente. Entretanto à pergunta sobre qual a imagem que tinham de um castanheiro, já demonstraram dificuldade em responder e até houve quem respondesse erroneamente, confundindo-o com a imagem do seringueiro, cujo principal ícone de sua atividade é riscar o tronco da árvore de seringueira no formato de uma “espinha de peixe”.

A música “Canto dos Castanhais”, em nove estrofes, aborda vários aspectos da atividade extrativista da castanha-da-amazônia. Desta forma, as questões apresentadas na roda de conversa foram extraídas de alguns dos versos da canção que permitem encontrar reflexo no cotidiano dos participantes:

VERSO DA MÚSICA	PERGUNTAS
Estrofe 1 – A vida que leva essa gente /é um canto plangente/ no meio dos castanhais/.	Quem é “essa gente” de que fala a música?
Estrofe 2 – Tem som de feição no ouriço de castanha entre os dentes, de pele nos espinhais/	Quais as formas de quebra da castanha, que conhecem?
Estrofe 9- é a voz que diz quando está descontente/ que grita ao mundo seus “ais” / que fala contesta desmente. Que ecoa pelos castanhais.	Quais seriam as dores (os “ais” dos castanhais)? Quem seriam as pessoas que colaboram para propagar a VOZ dos castanhais?

A música era desconhecida por todos os participantes. A primeira estrofe permite discutir sobre quem é o castanheiro (a família extrativista castanheira) e as razões pelas quais o artista associa a vida deles a um “canto plangente”. A percepção de que o trabalho extrativista tem um elevado grau de penosidade, é relacionada ao fato de que eles têm que acordar muito cedo, percorrer longas distâncias dentro da floresta para fazer a coleta e o peso dos ouriços que eles carregam em sacas, nas costas.

A estrofe 2 suscita a discussão sobre as formas como quebram o ouriço e a noz (facão, terçado, prensa, dobradiça de porta etc.) e se estende para as trocas sobre hábitos alimentares, formas de preparo e consumo do alimento.

A discussão dos versos da estrofe 9 é uma proposta de reflexão sobre o valor da castanha como produto de grande interesse do mercado nacional e internacional, que não se reflete nas condições de vida das famílias extrativistas, uma vez que na maioria das reservas extrativistas, as condições básicas de saúde e educação, ainda são precárias.

O debate se encaminhou para a reflexão sobre quem seriam as pessoas responsáveis pela mudança desse quadro; retomando a questão sobre os atores sociais responsáveis pela valorização do produtor e pelos produtos da sociobiodiversidade amazônica.

Valorização: eu, eles nós, todo mundo

No caso dos estudos de percepção ambiental, o intercâmbio de informações se dá sobre a “valorização do produto e do produtor extrativista florestal não madeireiro”. As questões que pontuaram os debates foram: Por que valorizar? Quem pode valorizar? Como valorizar?

Na abordagem inicial foram apresentadas razões pelas quais se deve valorizar a castanha-da-amazônia: (1) porque é um produto prioritário da cadeia produtiva da sociobiodiversidade; (2) gera renda para milhares de famílias extrativistas na Amazônia; (3) contribui para a preservação ambiental.

Na sequência, a pergunta “quem pode colaborar para a valorização?”. Em geral essa responsabilidade é atribuída ao governo, a políticos. A contribuição da Embrapa, enquanto empresa de pesquisa, foi apresentada e exemplificada com as Boas Práticas de Manejo e a importância dessa contribuição para a garantia da qualidade do produto e consequente segurança alimentar e nutricional.

Por fim, o estímulo à ação-cidadã, quando a pergunta final é dirigida aos alunos, que são solicitados a responder, por escrito, a questão: “O que podemos fazer para colaborar com a valorização do produtor e o produto castanha-da-amazônia?”, que foi respondida por 33 dos 51 alunos. De modo geral, a resposta mais frequente foi que, consumir a castanha e seus subprodutos é uma forma de valorização. Outras menções foram relacionadas à preservação da espécie, com proposições de produção e distribuição

de mudas; e outra linha de sugestão está relacionada a conhecer mais e divulgar a importância da atividade extrativista, inclusive usando as redes sociais. (Figura 5).

Figura 5- Formas de valorização propostas pelos alunos, em tarjetas de papel

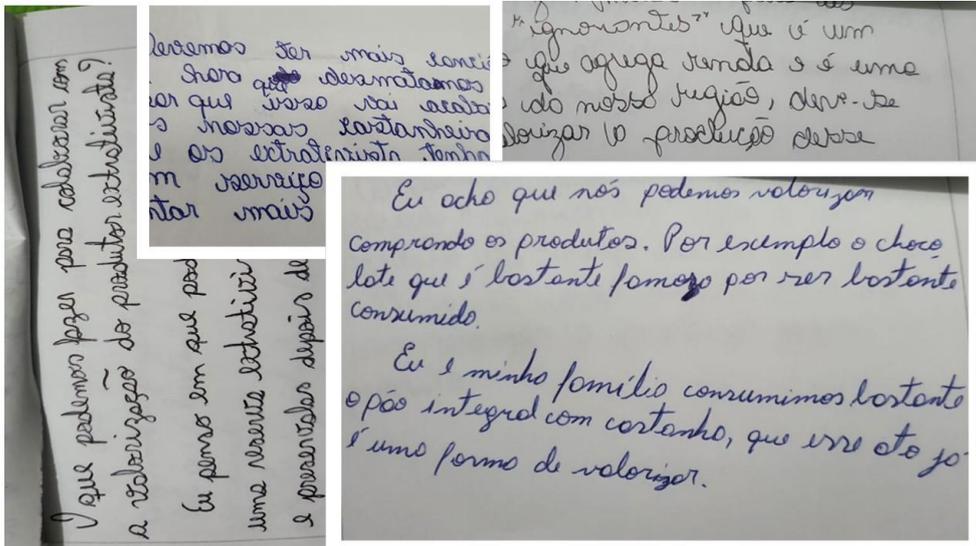


Imagem: Vânia Beatriz, 2020. (Colagem de tarjetas que expressam as sugestões dos alunos)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de discutir a valorização da castanha-da-amazônia em uma comunidade escolar foi enriquecedora para os estudos do campo da educomunicação socioambiental. Ao relacionar as interações ocorridas com os princípios da educomunicação, ficou evidenciado a importância da comunicação dialógica, da interação em grupos, como os constituídos para as rodas de conversa.

Do ponto de vista da Ciência Florestal, foram apresentadas informações sobre a importância das recomendações técnicas para as boas práticas de manejo da castanha, sobretudo pela contribuição para chegar ao consumidor final, um produto de qualidade. Sob a ótica da Ciência da Comunicação, discutiu-se a percepção da valorização, desde o valor nutricional à importância do produto como fonte de renda para as famílias extrativistas da Amazônia; bem como, de que forma a mensagem de valorização poderia ser levada à Sociedade em uma produção audiovisual.

As questões propostas nas rodas de conversa, a partir dos versos de uma canção, inseriram os participantes nos debates que se ampliaram em múltiplas abordagens, tais como: a percepção ambiental, que significa o conhecimento que eles têm sobre a cadeia

produtiva; quem são os atores principais dessa cadeia, situando-os como participantes dela, seja como produtor ou como consumidor; seus hábitos de consumo, as formas de quebra do ouriço e da noz, de conservação ou de preparo de alimentos e valores pessoais (valor simbólico) atribuídos a esse importante produto alimentício.

Levar ao conhecimento dos jovens, o contexto de produção da castanha-do-brasil, proporciona que conheçam, ou reafirmem conhecimentos, sobre os componentes da cadeia produtiva e sobre o fazer científico, representado pelas contribuições da Embrapa, que como empresa de pesquisa, desenvolve estudos e orienta os produtores extrativistas da castanha-da-amazônia, nas distintas etapas do processo produtivo.

O empoderamento dos atores sociais na construção da cidadania, pressuposto da educomunicação socioambiental, se dá por meio da partilha de suas percepções ambientais. Ao ouvir/ conhecer a percepção de ambas as pontas da cadeia produtiva: de um lado o extrativista (o aluno de família extrativista) de outro, o consumidor que terá acesso a um produto de comunicação elaborado a partir da compreensão do valor que esse produto tem para eles.

No momento em que a bioeconomia da floresta amazônica está na pauta das políticas governamentais e, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030, demandam a mobilização planetária, seria oportuno incluir nas proposições para a valorização da cadeia de produtos da biodiversidade florestal, o componente humano e o seu conhecimento tradicional, mas também a sua necessidade de receber educação de qualidade.

Diálogo, escuta, sensibilização, vivências, inclusão social fazem parte do processo por meio do qual se busca a internalização de um novo conceito de cidadão, que exige ver o homem como parte integrante e indissociável do meio ambiente, assumindo atitudes sustentáveis e praticando a ação cidadã.

Entendidas como um processo de interação entre diversos atores, em um determinado espaço de comunicação, com a finalidade de produção de conteúdo midiáticos com fins educativos, as práticas educacionais compreendem um processo de ensino-aprendizagem, a partir de temas geradores, neste caso, a valorização da sociobiodiversidade amazônica. O uso de temas geradores tem origem em Paulo Freire (2019), que coloca em discussão e reflexão temas da realidade de educandos e educadores, numa perspectiva não somente de aprendizado, mas de reflexão, para que ocorra a tomada de consciência dos indivíduos sobre eles.

A continuidade das ações prevê a realização de outras Oficinas e Cursos em módulos presenciais e à distância, com uso de videoaulas, sendo: 02 Cursos (Introdução às práticas educacionais; Formação de jovens difusores científicos) e 03 Oficinas (01 Sensibilização, 01 Elaboração de cartilhas, 01 produção de recursos audiovisuais (Spots radiofônicos e vídeos ambientais com o uso de músicas com a temática da sociobiodiversidade). O desenvolvimento de tais práticas quer responder à demanda por novas formas de comunicação, que possam contribuir para impulsionar a ação cidadã da sociedade e para a formulação de políticas públicas no campo da educação não formal.

Por fim, consideramos que os estudos de percepção envolvendo jovens estudantes, representam a voz de distintos atores sociais que, instrumentalizados, podem colaborar para a produção de conteúdo de comunicação destinados à divulgação, de forma mais ampla e representativa da realidade das comunidades envolvidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Ministério da Educação e Cultura. Programa de Educomunicação Socioambiental. Brasília: MMA/MEC (Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental), 2005 (Série Documentos Técnicos, 2). Disponível in: https://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/dt_02.pdf Acesso em: 06 mar. de 2020.

_____. Ministério do Meio Ambiente. Ministério da Educação e Cultura. **II Conferência Nacional Infantojuvenil pelo Meio Ambiente**. Brasília: MMA/MEC (Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental, MMA/MEC), 2007 (Série Doc. Técnicos, 11). Disponível em: http://conferenciainfanto.mec.gov.br/images/pdf/doc_tecnico_11_2_conferencia_infanto.pdf Acesso em: 03 mar. de 2020.

_____. Plano Nacional para a Promoção das Cadeias de Produtos da Sociobiodiversidade – PNPSB, 2009. Disponível em: <http://bibliotecadigital.seplan.planejamento.gov.br/bitstream/handle/123456789/1024/Plano%20Sociobiodiversidade.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 03 mar. de 2020.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Paz Terra. 2019.

MARTINS, Janaina Senna. O lugar da educomunicação socioambiental no contexto das políticas públicas de educação ambiental no Brasil. **Dissertação** (mestrado em Educação Ambiental) – Universidade Federal do Rio Grande. Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental. Rio Grande/RS: 2015. Disponível in: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2359403 Acesso em: 14 set. de 2020.

MILHOMEM, V.; GOMES, J. Canto dos castanhais. Intérprete : Juliele Marques. In : JULIELE. 2007. 1 CD. Faixa 11.

OLIVEIRA, Vânia Beatriz Vasconcelos. **Uso de música amazônica na educomunicação científica e ambiental**. Porto Velho, RO: Embrapa Rondônia, 2010. (Série Documentos. 139, 31 p.) Disponível in: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/884375/1/doc139producaodevideoclipes.pdf> . Acesso em: 10 de set. 2020.

_____. Vânia Beatriz Vasconcelos. **Práticas Educomunicativas com Música Amazônica na Recepção e Produção de Discurso Socioambiental**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 36, 2013, Manaus. Anais. São Paulo: INTERCOM, 2013. Disponível in: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0410-1.pdf> Acesso em: 10 de set. 2020.

OLIVEIRA. Vânia Beatriz Vasconcelos. **Dialogismo na prática educacionais de produção coletiva de videoclipe ambiental**. Disponível in: <https://www.alice.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/1041311/1/Ibercom2015AnaisDTI4VANIA.pdf> Acesso em: 10 de set. 2020.

SOARES, Ismar de Oliveira. Conceito (Educomunicação). In: <https://www.abpeducom.org.br/educom/conceito/> Acesso em: 10 de set. 2020.

WADT, L.H.O. e SILVA. M.P. Tecnologias para o fortalecimento da cadeia de valor da castanha-da-amazônia. **Folder**. Embrapa, 2014. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/125693/1/25668.pdf> Acesso em: 10 set. de 2020.

ANEXOS

Anexo 1 - Letra da música Canto dos Castanhais (Val Milhomem e Joazinho Gomes)

Estrofe 1	Estrofe 2	Estrofe 3
A vida que leva essa gente é um canto plangente, no meio dos castanhais.	Tem som de facão no ouriço, de castanha entre os dentes, de pele nos espinhais;	É o baque da porta do quarto De um filho ausente, que não voltou nunca mais.
<p>Na 4ª. e 5ª. estrofe referem-se à labuta diária dos castanhais que cedo levantam para a coleta dos frutos, compara com a dos seringueiros (coletores de látex).</p>		
Estrofe 4	Estrofe 5	Estrofe 6
Aqui quando o sol se levanta Essa gente levanta e entra nos castanhais.	A vida que leva essa gente Não é tão diferente da vida dos seringais	Por isso essa gente canta E o seu canto plangente Torna-se um canto de paz
<p>O sofrer dos castanhais e transformado em um canto de paz, sustentado pela proteção espiritual advinda de uma Santa, que os protege, um canto que seria um manifesto dos descontentamentos:</p>		
Estrofe 7	Estrofe 8	Estrofe 9
A fé dessa gente é tanta E a dor que ela sente Passa a doer na santa	Que pega no ventre e senta Enquanto essa gente canta	É a voz, que diz quando está descontente/ E grita ao mundo seus ais / Que fala, contesta, desmente./ Que ecoa pelos castanhais.
(refrão)		

Anexo 2 – Registro fotográfico da oficina na E.F.A. Itapirema, em Ji-Paraná – RO.



Imagem: Vânia Beatriz, 2018